


Identidade, memória e futuros projetados: narrativa pessoal e tramas temporais

Rafael Britto de Souzaⁱ 

Universidade Estadual do Ceará/ Faculdade de Educação de Crateús, Crateús, CE, Brasil

Marcos Ithalo de Souza Costaⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará/ Faculdade de Educação de Crateús, Crateús, CE, Brasil

1

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer uma relação entre o conceito de identidade psicológica e o ato cognitivo de prever os futuros estados afetivos (*affective forecast*). O conceito de identidade utilizado é derivado do paradigma cognitivo narrativo em psicologia, quanto à predição afetiva baseia-se sobretudo nos trabalhos de Gilbert (1998; 2000; 2001). Segundo este autor, a predição afetiva diz respeito à capacidade da pessoa predizer qual será seu futuro estado emocional (GILBERT et al. 1998). A hipótese norteadora desta pesquisa é que os estudos acerca da identidade psicológica têm muito a se beneficiar caso levem em consideração a relação que os indivíduos estabelecem entre aquilo que eles são no presente e aquilo que eles se programam para ser, ou acreditam que serão no futuro. Os resultados da investigação apontam para várias lacunas teóricas que permanecem não-endereçadas. Além disso, o conceito de identidade narrativa mostrou-se adequado ao estudo do problema proposto.

Palavras-chave: Identidade Pessoal. Predição afetiva. Narrativa. Memórias.

Identity, memory and projected futures: personal narrative and temporal plots

Abstract

This paper aims to establish a relation between the concept of psychological identity and affective forecast. The concept of identity employed is derived from the narrative paradigm in cognitive psychology. The studies of Gilbert (1998;2000;2001) related to affective forecast are presented. Affective forecast is the capacity of predict future emotional states (GILBERT et al. 1998). The guiding hypothesis is that the studies of personal identity have much to gain if they integrate the fact that individual use future emotional states when they are formulating what they are at the present. The present work aims to demonstrate conceptually how individuals link past, present and future via affective forecasts. The results points to several gaps that tends to remain open if the research of identity does not address affective forecast as a part of identity building. Furthermore, the concept of narrative identity has been the most useful to the problem at hand.

Keywords: Personal Identity. Affective Forecast. Narrative. Memoirs.

1 Introdução

A temática da identidade acompanha o desenvolvimento da ciência psicológica desde seus primórdios. Antes disso, já povoava as discussões filosóficas há muitos séculos. Claro que a presença quase constante deste conceito ao longo da história dessas disciplinas não deve ser tomada como prova da sua univocidade. O conceito de identidade, os critérios que o definiram e definem, os métodos de se chegar até ele, os processos de verificação aos quais o conceito deve ser submetido, são tão variados, e muitas vezes tão contrastantes (JACQUES, 2000) que desautorizam qualquer pesquisador imbuído de um espírito de rigor, a dizer que esta miríade de conceitos de identidade se refere a uma mesma realidade.

Uma forma inicial de abordar esse vasto leque de significação que o conceito de identidade assumiu ao longo dos anos pode ser encontrada na categorização proposta por Farr (2000). Segundo esta categorização, os conceitos de identidade podem ser alocados em um de dois grandes grupos de teorias psicológicas.

Por um lado, aquelas concepções de identidade vinculadas às psicologias sociais de cunho mais psicológico, que tendem a colocar a psicologia, juntamente com seus conceitos (entre eles o de identidade) sob o signo dos fenômenos psicológicos de origem e natureza eminentemente individuais. Os autores incluídos neste grupo abordam a questão da identidade encarando o indivíduo *per se* (FARR, 2000) abstraindo ou minimizando o papel desempenhado pela sociedade na constituição da identidade.

Nesse grupo estão incluídos, como casos típicos, os trabalhos dos irmãos G.W e F.H. Allport, assim como, em menor escala e por outros motivos, autores ligados à psicologia da forma como Koffka, Wertheimer e Lewin (FARR, 2000).

Outra direção é seguida por autores classificados por Farr (2000) como fazendo parte do grupo de teóricos mais atentos ao caráter social da psicologia. Os fenômenos sociais são encarados como elementos influentes e constitutivos dos processos psicológicos 'individuais' e, com isso, o conceito de identidade (entre outros) passa a ser composto de variáveis sociais, admitidas e aceitas em suas peculiaridades próprias sem serem artificialmente reduzidas a fenômenos psicológicos individuais.

Neste grupo ganham destaque as teorias que enfatizam os processos sócio-históricos envolvidos na constituição das identidades, dentre as quais podemos citar com proeminência as teorias de fundo marxista como as de Lúria, Vygotski e Leontiev.

Lida como uma categorização preliminar e introdutória, a esquematização proposta por Farr (2000), apesar de seu pequeno potencial (índice) de discriminação, tem o mérito de captar um traço marcante da psicologia social, qual seja: sua inerente tensão fronteiriça. A partir de sua categorização torna-se explícito que a psicologia social como disciplina vem se esforçando em manter um equilíbrio entre os dois componentes que procura equacionar: o social e o psicológico.

Ora o pêndulo recai exageradamente para o lado psicológico, ora para o social. Encontrar um quadro conceitual que dê conta dessas esferas tão diferentes – e ao mesmo tempo tão intimamente implicadas em uma relação de interdependência – não tem sido uma empreitada epistemologicamente fácil para os teóricos da psicologia social.

O conceito de identidade e as dificuldades envolvidas em suas diversas elaborações é um apanágio que exhibe a conspícua dificuldade epistemológica enfrentada pela psicologia social em particular e pela psicologia de uma maneira geral. Na busca de um conceito de identidade que escape a subjetivismos intratáveis e intangíveis sem cair em objetivismos reducionistas, a linguagem surge como um objeto de estudo privilegiado. Sobretudo a linguagem em sua forma narrativa.

A linguagem (narrativa) se configura como uma realidade objetiva o suficiente para ser tratada dentro das exigências de precisão, clareza e operacionalidade exigidas pela ciência. Ao mesmo tempo é uma realidade maleável o bastante para evitar os reducionismos comumente envolvidos em tentativas de tratar fenômenos complexos que englobam significados (psicológicos ou sociais) dentro dos moldes científicos.

Nossa hipótese é a de que o estudo da linguagem (narrativa) estende uma ponte para se suplantar de maneira abrangente e consistente o abismo teoricamente problemático que separa os fenômenos de ordem psicológica e social, pública e privada, objetiva e subjetiva.

Por um lado, teríamos o grupo das escolas psicológicas que fazem um estudo científico, mas de um ser, para isso, tão submetido a simplificações que não chega a ser o homem tal qual o conhecemos. Por outro lado, estaria o grupo das escolas psicológicas que não 'reduzem' o homem, o tomando em toda sua complexidade, mas que como resultado apresentam um estudo que não chega a ser propriamente científico (FIGUEIREDO, 2002).

4 Acreditamos que este dilema aparentemente incontornável, chega próximo a uma solução mediante a adoção do paradigma narrativo em psicologia. A problemática do conceito de identidade, gestado e fomentado por esta dicotomia, também tende, conseqüentemente, a ser equacionada de forma mais satisfatória quando encarada, sob o signo da Psicologia Narrativa, como a problemática da identidade narrativa. É sobre essa problemática que nos ocuparemos a seguir.

Para além da materialidade orgânica ou social, o conceito de identidade narrativa chama atenção para a unicidade dos processos de produção linguística de nossas próprias identidades pessoais. Como bem coloca o neurologista Oliver Sacks (2000, p. 128, grifo do autor) "Cada um de nós tem uma história de vida, uma narrativa íntima - cuja continuidade, cujo sentido é nossa vida. Pode-se dizer que cada pessoa constrói e vive uma 'narrativa' e que a narrativa é a pessoa, sua identidade".¹

Para os propósitos que nos ocupam neste trabalho, é fundamental termos em mente que o conceito de identidade psicológica e o conceito de memória vêm traçando linhas de pesquisa que cada vez mais se aproximam uma da outra, e cada vez mais o estudo da identidade psicológica leva em consideração o estudo da memória.

A aproximação do conceito de identidade e de memória deve-se, em grande parte, ao fato de que uma das maiores dificuldades envolvidas no estudo da identidade é a persistência dela ao longo do tempo. E para explicar como a identidade permanece, ela mesma, ao longo do tempo, a memória, vem sendo o conceito explicativo mais utilizado pelos teóricos da psicologia social.

Esta abordagem é assim sintetizada por Crites (1986, p. 156, grifo do autor):

¹ Para uma defesa e justificação aprofundada do conceito narrativo de Identidade ver BRITTO (2008).

'Eu', este *self* que fala agora – tem memórias que vão até a primeira infância, fragmentárias e intermitentes, mas formando ligações suficientes com o passado para dar a este *self* presente uma sensação de ter existido ao longo do tempo. A crônica da memória tem muitas lacunas, ainda assim, ela dá acesso ao passado que aquele que lembra afirma ser o seu próprio; uma identidade através de muitas metamorfoses. Esta identidade não é simplesmente uma questão de continuidade orgânica de um corpo através de vários estágios de maturação.

5

Ora, uma vez que à memória vem sendo reputada a responsabilidade de conferir uma persistência da identidade ao longo do tempo, nada mais natural do que os psicólogos ocupados com o estudo da identidade se ocuparem também com o estudo dos caminhos e descaminhos envolvidos nos processos cognitivos de construção, manutenção e acesso às memórias. E é precisamente este empreendimento que vem sendo levado à cabo desde, pelo menos, desde a década de 1980².

O objetivo do presente trabalho é precisamente complementar estes esforços que vêm sendo feitos, no sentido de explicar as peculiaridades, lacunas e mecanismos envolvidos na relação da identidade com o passado (memória), com estudos devotados a estabelecer a relação entre a identidade com as projeções que os indivíduos fazem acerca de seus futuros estados afetivos.

2 Metodologia

O presente trabalho tem por objetivo apontar a necessidade de se estabelecer um elo entre os estudos acerca da identidade psicológica e os estudos da predição afetiva. De forma mais específica pretende-se estabelecer a necessidade de tal ligação, principalmente no que diz respeito aos estudos da identidade psicológica. Pretendemos mostrar que, assim como o estudo da memória ampliou e deu relevo ao estudo da identidade, o mesmo pode acontecer se incluirmos o estudo das predições afetivas.

² Para uma discussão elaborada sobre a forma como o presente influencia a forma como nos lembramos do passado ver LOWENTHAL (1981).

Uma vez que existem várias teorias acerca da identidade psicológica, muitas das quais contrastantes, e mesmo contraditórias, nosso objetivo neste trabalho se limita a estabelecer possíveis conexões com o conceito específico de identidade narrativa.

O presente trabalho vale-se exclusivamente de pesquisa bibliográfica. Como critério de redução de bibliografia, o universo pesquisado se restringiu à literatura referente à identidade narrativa, por um lado. No que diz respeito aos estudos relativos à predição afetiva, apenas os trabalhos de Daniel Gilbert (2000, 2001, 2006) foram utilizados, tendo em vista que este é sem dúvida o mais importante e prolífico pesquisador na área.

Certamente, este universo de pesquisa precisa ser expandido, caso se queira realmente estabelecer de forma definitiva a hipótese que animou este trabalho. Mas, nosso objetivo é tão somente apontar a necessidade desta relação, não a fundamentar. Sendo assim, o critério metodológico de inclusão de material bibliográfico a ser pesquisado, apesar de restringir exaustivamente as fontes, pareceu bastante eficiente para a consecução dos objetivos almejados.

3 Resultados e Discussões

Uma das grandes contribuições trazidas pela psicologia narrativa ao estudo da identidade foi o estudo de padrões narrativos envolvidos em problemas psicológicos. Assim, percebeu-se que os paranoicos (KEEN, 1986) possuem padrões narrativos que os distinguem dos psicóticos, ou dos bipolares, por exemplo. Como já foi mencionado anteriormente, os padrões narrativos envolvidos nas narrativas de rememoração já vêm sendo alvo de vários estudos. Em parte, porque a memória é uma área de bastante interesse para os historiadores, dos quais os psicólogos sociais sentem alguma afinidade de métodos e objetivos de estudo. Outra razão diz respeito ao fato dos estudos neurológicos envolvendo a questão da memória já virem sendo realizados com grandes resultados há várias décadas (DAMASIO, 1998).

Por seu turno, a ausência de estudos relacionando a identidade à predição afetiva, pode ser explicada por pelo menos dois fatores. O primeiro é de ordem neurológica. A parte do cérebro responsável pelas predições afetivas, ou por qualquer forma de relacionamento cognitivo com o futuro, é o Lobo Frontal. Porém, até a primeira metade do século XX acreditava-se que o Lobo Frontal não tinha função alguma, a não ser acalmar pacientes psiquiátricos em estado grave (DAMÁSIO, 1998). Crença que levou à prática da Lobotomia. Um estudo mais adequado das funções neurológicas de previsão do futuro só veio se iniciar muito depois.

Outra razão que explica a ausência de estudos relacionando predição afetiva com identidade e, portanto, justificam o propósito deste trabalho, é mais prosaica. Simplesmente não existiam pesquisas psicológicas significativas acerca das predições afetivas até muito recentemente. Pode-se dizer que, apenas na década de 1990 os psicólogos começaram, de forma significativa, a estudar os mecanismos cognitivos envolvidos na relação dos indivíduos com seus futuros estados afetivos. (GILBERT, 1998).

Feitas estas reflexões, que explicam a lacuna para a qual o presente trabalho pretende começar a chamar a atenção, é importante mencionar algumas razões que justificam a pertinência da relação entre predição afetiva e identidade.

Uma primeira justificativa diz respeito à intrusão dos pensamentos acerca do futuro. Os pensamentos acerca do futuro são espontâneos e regulares, “ocupando todos os cantos de nossa vida mental” (GILBERT, 2006, p.124). Tal intrusão espontânea certamente deve ter alguma relevância para a constituição de nossa identidade.

Quando perguntadas a respeito de qual tempo elas pensam mais, as pessoas respondem que é no futuro que mais se ocupam pensando. (JANSON, 1989). Pesquisas também mostram que de todos os pensamentos que passam na cabeça das pessoas durante um dia, pelo menos 12% são referentes ao futuro (KLINGER; COX, 1987-8)

Estudos acerca da identidade narrativa mostram que também existem padrões narrativos envolvidos em predições afetivas (CRITES, 1986). O que

provavelmente aponta para a existência de correlação entre a forma como as pessoas estruturam seus pensamentos acerca do futuro, e aquilo que elas são. Outras pesquisas também mostram diferenças significativas na forma como pessoas com casos clínicos de depressão prospectam o futuro de uma forma diferente da maioria das pessoas. (GOLLIN et. al, 1979).

Todos estes estudos tratam de temas que são extremamente relevantes para as teorias da identidade, indicando, assim, a necessidade de relacionar teoricamente estes dois campos de estudo.

8

5 Considerações Finais

As conclusões, em face dos fundamentos levantados, giram mais em torno de questões a serem ampliadas. De uma forma breve pode-se verificar duas linhas de desenvolvimento para a maior inter-relação dos estudos acerca da identidade e da predição afetiva. Os dados, e raciocínios elencados neste trabalho, apontam para a existência da correlação entre as predições afetivas e algumas importantes características dos sujeitos psicológicos. Estudos referentes à porcentagem de pensamentos diários devotados ao futuro, e à correlação de formas específicas de se relacionar com o futuro e estados de depressão, por exemplo, são por si só indicativos da necessidade de se levar esta função cognitiva em conta, em se tratando de estudos acerca da identidade. Os avanços realizados nos estudos acerca da predição dos estados afetivos, sobretudo aqueles liderados por Daniel Gilbert, apontam para uma fundamentação teórica e experimental que já está à disposição dos pesquisadores que se dedicam ao estudo da identidade psicológica.

Estabeleceu-se também a similitude existente entre a memória e as predições afetivas. Apesar de serem processos bastante específicos, e, portanto, apresentarem leis e mecanismos funcionais distintos, o fato de ambos dizerem respeito à relação que os indivíduos estabelecem com tempos que não são o presente, é sem dúvida significativo. O raciocínio desenvolvido procurou mostrar de que forma os estudos de psicologia social, que tanto vêm correlacionando identidade e memória, também se beneficiariam em relacionar identidade e predição afetiva.

Questiona-se ainda o motivo da falta de pesquisa acerca da predição afetiva no contexto da psicologia social, ou mais especificamente, no contexto dos estudos acerca da identidade psicológica, ou psicologia da personalidade.

A escolha do paradigma narrativo para servir de referencial teórico do estudo da identidade foi, no contexto deste trabalho, pouco explorada. Sendo necessário, portanto, outra pesquisa, para que tal escolha possa vir a ser fundamentada a contento.

Referências

BRITTO, Rafael. **Identidade e epistemologia narrativa**. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza-CE, 2008.

Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2485/1/2008_dis_RBDSouza.PDF Acesso em: 14 set. 2022.

CRITES, Stephen. Storytime: Recollecting the Past and Projecting the Future. *In*: SARBIN, Theodore R. (org.). **Narrative Psychology: The Storied Nature of Human Conduct**. New York: Praeger, 1986.

DAMASIO, Antonio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

FARR, R. M. **Raízes da psicologia social moderna (1872-1954)**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Matrizes do pensamento psicológico**. 9. ed. Petrópolis: Vozes. 2002.

GILBERT, D. T; WILSON, T. D., MEYERS, J. Lessons from the past: Do people learn from experience that emotional reactions are short lived? *In*: **Personality and Social Psychology Bulletin**, 2001, v. 12, p.1648-1661.

GILBERT, D. T., & WILSON, T. D. Miswanting: Some problems in the forecasting of future affective states. *In*: FORGAS, J. (org.). **Thinking and feeling: The role of affect in social cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GILBERT, D. T. **Stumbling on happiness**. 1. ed. New York: Knopf, 2006.

GOLLIN, S., et al., The illusions of control among depressed patients. **Journal of Abnormal Psychology**. V. 88, p.454-457,1979. Disponível em:

<https://psycnet.apa.org/record/2005-08996-003>. Acesso em: 12 set. 2022.

JACQUES, Maria da Graça, et. al. **Psicologia social contemporânea**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JANSON, L. A.; et al., Time orientation: Past, Present and Future Perceptions, **Psychological Reports**. V. 64, p.1199-1205, 1989. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2466/pr0.1989.64.3c.1199> Acesso em: 12 set. 2022

KEEN, Ernest. Paranoia and Cataclysmic Narratives. *In*: SARBIN, Theodore R. (org.) **Narrative Psychology: The Storied Nature of Human Conduct**. New York: Praeger, 1986.

KLINGER, Eric, COX, W. Miles. Dimensions of Thought Flow in Everyday Life, **Imagination, Cognition and Personality**. V. 72, p.105-128, 1987. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2190/7K24-G343-MTQW-115V>. Acesso em: 11 set. 2022.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto história**. São Paulo: EDUC, V. 17, 1981, p. 63-201.

SACKS, Oliver. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu: e outras histórias clínicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

i Rafael Britto de Souza, <https://orcid.org/0000-0003-0346-0857>

Universidade Estadual do Ceará/ Faculdade de Educação de Crateús, Crateús, CE, Brasil
Graduado em Psicologia (UNIFOR), Pedagogia (UECE) e Filosofia (UNINTER), Mestre em Psicologia (UFC) e Filosofia (UECE), com doutorado em Educação (UFC). Professor Assistente da UECE-FAEC

Contribuição de autoria: Participação na concepção, pesquisa, escrita e revisão do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5738348173530537>

E-mail: rafael.britto@uece.br

ii Marcos Ithalo de Souza Costa, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9328-1790>

Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação de Crateús
Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação de Crateús UECE/FAEC. Experiência em atividades de monitoria na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos. Bolsista em Iniciação Científica pela UECE.

Contribuição de autoria: Participação na concepção, escrita e revisão do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5497037417220650>

E-mail: marcos.ithalo@aluno.uece.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SOUZA, Rafael Britto de; COSTA, Marcos Ithalo de Souza; BRAZIL, Vicente Tiago Freire. Identidade, memória e futuros projetados: narrativa pessoal e tramas temporais. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.